

Multinacionais debatem com embaixador dos EUA a economia brasileira

Brasília — “Já sei, vou receber ordens: ajude a consertar as coisas, resolva os problemas econômicos”. Foi assim, com bom humor, que o novo Embaixador dos Estados Unidos, Diego Asencio, antecipou o sentido da conversa que teria em seguida, durante um almoço na sua residência, com oito dirigentes de grandes empresas multinacionais norte-americanas que operam no Brasil.

Entre os drinques iniciais e a sobremesa, os empresários (da Alcoa, Monsanto, First National Bank of Boston, Ford, Goodyear, GE, GM e Anderson-Clayton) traçaram para o Embaixador uma avaliação do quadro econômico e do panorama dos negócios no Brasil — um relatório que a Embaixada Americana se negou a divulgar, mas que fala de recessão e desemprego. Depois, ouviram do Subsecretário do Tesouro norte-americano, Beryl Sprinkel, uma apreciação da situação econômico-financeira dos Estados Unidos, onde os mesmos elementos negativos são vistos por outro prisma.

CHAMADA GERAL

Convocados de São Paulo e acompanhados do Cônsul-Geral John Leary, os empresários chegaram a Brasília por volta das 10h e foram embarcados em dois automóveis de placa diplomática da Embaixada americana para um primeiro encontro com o Embaixador Asencio, na própria sede da Embaixada, na Avenida das Nações.

— Não há nada de especial nesse encontro — explicava o Embaixador Diego Asencio, acompanhado da sua mulher, no caminho para o almoço com os empresários: “É normal que o Embaixador recém-chegado queira conhecer os empresários das firmas internacionais americanas que atuam no país. Vamos trabalhar juntos, de agora em diante, e é bom conhecer seus problemas e suas preocupações”, declarou.

Diego repetiu aos empresários, durante o almoço, o que

já havia antecipado aos jornalistas à porta de saída da Embaixada: promete manter contato permanente e íntimo com os empresários a partir desse primeiro encontro pessoal. A conversa do Embaixador americano com os oito empresários ocorreu apenas um dia depois de seu encontro com o Ministro Delfim Neto, no Palácio do Planalto.

Bastante descontraídos, eles embarcaram às 15h de volta a São Paulo, em um turboélice particular da Ford, sustentando a versão de que não tinham discutido no almoço a política ou a economia brasileira, mas apenas amenidades.

Entre uma resposta evasiva e outra, Donald Wilson, da Anderson Clayton, arriscou uma crítica à lei brasileira de remessa de lucros ao exterior. “Mas não discutimos isso no almoço”, garantiu. “Todos nós sempre achamos esta lei muito rigorosa”, finalizou.